Ana Sofia Lucas do Lugar

Escala das dimensões do desenvolvimento da identidade: Contributos para a adaptação e validação para a população portuguesa

Orientadora: Professora Doutora Ana de Nazaré Prioste

Co-orientadora: Professora Doutora Paula Paulino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

Ana Sofia Lucas do Lugar

Escala das dimensões do desenvolvimento da identidade: Contributos para a adaptação e validação para a população portuguesa

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 20 de julho de 2017 perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 192/2017 com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Américo Baptista
Arguente: Professor Doutor Pedro Rosa
Orientador: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Ana de Nazaré Prioste, os meus sinceros agradecimentos em virtude de todo o rigor da sua a orientação e dedicação. Pela transmissão de conhecimentos de teor teórico e prático que permitiram uma melhor compreensão para a realização deste trabalho. Pelas palavras de incentivo, disponibilidade para a resolução de problemas e o espírito crítico com que abordou as questões que surgiram e que constituíram momentos de desenvolvimento pessoal e profissional.

À minha co-orientadora, Professora Doutora Paula Paulino, por ter aceite o desafio e pela sua colaboração.

À minha família, mas especialmente aos meus avós maternos, obrigada por estarem sempre presentes, por serem o meu porto seguro. Por todos os momentos de incentivo e compreensão nos momentos de mais cansaço. Obrigada por demonstrarem orgulho no meu trabalho.

Ao Ludovico, obrigada pela paciência, compreensão. O apoio incondicional e encorajamento nos momentos de desespero foram essenciais para a realização deste trabalho. Como por também estares presente nos momentos de pequenos sucessos.

Índice

Resumo……..6

Abstract…….....7

Índice……4

1. Introdução……8

    1.1. Mapas de Identidade: Conceptualizações e modelos.....9

2. Método……...13

    2.1. Participantes……...13

    2.2. Instrumentos……...13

    2.3. Procedimento……..15

    2.4. Análise de Dados……16

3. Resultados……..16

4. Discussão……...22

5. Bibliografia……....26

Anexos……I

Anexo 1……II

Anexo 2……..VII

Anexo 3…….....X

Índice Figura

Figura 1……19

Índice de Quadro

Quadro 1……..17

Quadro 2……..21

Quadro 3……..22

Resumo

Este estudo apresenta a adaptação e os estudos iniciais de validação da Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (DIDS), um instrumento que avalia os processos de desenvolvimento da identidade. Participaram no estudo 285 indivíduos (15-29 anos), que responderam a um questionário de dados sociodemográficos, à DIDS e ao Inventário da Sintomatologia Psicológica. Foram analisadas as características psicométricas da DIDS. Para o estudo da validade de construto foi realizada uma análise fatorial confirmatória. As validades convergentes e divergentes foram analisadas a partir das correlações entre os processos de desenvolvimento da identidade e o Inventário da Sintomatologia Psicológica. A Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário apresentou índices satisfatórios de consistência interna e a estrutura fatorial proposta foi confirmada. Os resultados sugerem que a Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário é um instrumento útil e válido para medir o desenvolvimento identitário em adolescentes e adultos emergentes portugueses.

Palavras-Chave: desenvolvimento identitário; estudo inicial de validação; adultos emergentes; adolescentes; psicopatologia.

Abstract

This paper presents the development process and validation initial studies of the Dimensions of Identity Development Scale (DIDS), an instrument for assessing five identity processes. The study involved 285 participants (15-29 years), answered the DIDS, Brief Symptom Inventory (BSI) and a questionnaire about socio-demographic information. In order to study the conceptual validity we conducted a confirmatory factorial analysis. Convergent and divergent validities were analyzed through the correlations between Identity Processes and dimensions of BSI. The Portuguese version of DIDS showed acceptable internal consistency coefficients and the proposed factor structure was confirmed. The DIDS can establish itself as an instrument to evaluate the identity processes in Portuguese adolescents and emerging adults, and to characterize and differentiate people and development processes.

Keywords: identity development; initial validation study; adolescents; emerging adults; psychopathology.

Introdução

A identidade tem sido definida como um conjunto de características biológicas, psicológicas e sociodemográficas que permitem definir o que a pessoa pensa sobre si e como se perceciona na relação (Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011; Sedikides & Brewer, 2001). A importância da identidade no funcionamento psicossocial e interpessoal ao longo do ciclo da vida (Côte & Levine, 2009; Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missoten, 2011; Luyckx, Klimstra, Duriez, Petergem, & Beyers, 2013) e a existência de vários modelos focados no desenvolvimento da identidade [e.g., modelo dos estatutos da identidade (Marcia, 1966); modelos dos estilos identitários (Berzonsky, 2010); modelo integrativo da identidade (Luyckx et al., 2008)] e de instrumentos para a avaliar [e.g., Ego Identity Process Questionaire (Balistreri, Busch-Rossnage, & Geisinger, 1995); Revised Identity Style Inventory (Berzonsky, 1992); Dimensions of Identity Development Scale (Luyckx et al., 2008)] têm contribuído para o aumento considerável de estudos nas últimas décadas (Meeus, 2011). A literatura na área tem divergido em relação à conceptualização do construto identidade, nomeadamente, em relação ao fato da identidade (a) poder ser perspetivada como um fenómeno individual, relacional ou colectiva, (b) ser descoberta, construída individual ou socialmente, (c) ser relativamente estável ou fluida e em constante mudança, e (d) de dever ser estudada através de desenhos quantitativos ou qualitativos (Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011). O presente estudo centra-se no processo de adaptação da *Dimensions of Identity Development Scale* (DIDS) ao contexto português e no estudo inicial de validação do instrumento, com uma amostra de adolescentes e de adultos emergentes (15-29 anos). Pretende-se, deste modo, contribuir para o enriquecimento da literatura nesta área, através de uma compreensão mais alargada dos processos de desenvolvimento da identidade de adolescentes e adultos emergentes em Portugal.

Vários são os motivos que fundamentam a realização deste estudo. A identidade é um construto muito investigado internacionalmente; contudo, em Portugal, não existe nenhum instrumento validado que avalie os processos de desenvolvimento da identidade, limitando o desenvolvimento da investigação nesta área.

De acordo com alguns autores (e.g., Arnett, 2000; Erikson, 1968), a identidade muda ao longo da vida; contudo, é expetável que as grandes mudanças ocorram na adolescência e na transição para a idade adulta. Neste sentido, a identidade, enquanto construção e definição do papel individual, relacional e social, tem sido concetualizada como uma tarefa desenvolvimental central para adolescentes e adultos emergentes

(Arnett, 2000). O contexto macrossocial dos países do ocidente (e.g., fatores sociais, económicos e culturais; globalização) tem sido apontado como um fator influente nas transformações cognitivas, comportamentais e relacionais, atrasando a maturação psicossocial e o processo de desenvolvimento identitário (e.g., Arnett, 2000; Kroger, 2002; Sica, Luigia, Sestito, & Ragozini, 2014). Os factores socioeconómicos e culturais, a ausência de expectativas e prescrições sociais têm contribuído para o prolongamento da condição juvenil, i.e. aumento do período de exploração e instabilidade prévio à assumpção de compromissos, tornando a transição para a idade adulta num processo mais lentificado (Arnett, 2000). Atualmente, nos países ocidentais observa-se a tendência para a existência de percursos escolares mais longos, a inserção tardia no mercado de trabalho, o aumento da idade média para o casamento[1] e o nascimento do primeiro filho e o prolongamento da coabitação com a família de origem (Arnett, 2000; Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). O surgimento da etapa desenvolvimental em adultos emergentes e a definição de tarefas desenvolvimentais específicas reflete a necessidade de descrever e de compreender o prolongamento da transição para a idade adulta perante o impacto das mudanças macrossociais referidas no desenvolvimento humano. Posto isto, um instrumento focado nos processos de desenvolvimento da identidade validado, para a população portuguesa, permitir-nos-á estudar o impacto das especificidades do contexto português nas trajetórias desenvolvimentais de adolescentes e adultos emergentes.

Mapas de identidade: Conceptualizações e modelos

Alguns teóricos da área (e.g., Chen, Boucher, & Tapias, 2006; Epp & Price, 2008; Sedikides & Brewer, 2001; Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011) têm convergido na conceptualização da identidade, sugerindo uma distinção entre três níveis – identidade individual, relacional e coletiva – que variam de acordo com a interrelação e interdependência com os outros envolvidos na construção da identidade e com a identificação com o *self* com os outros (Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011). Por um lado, a identidade individual é focada no autoconceito e inclui os valores, objetivos, crenças, padrões de comportamento e tomada de decisão (Sedikides & Brewer, 2001). A identidade relacional corresponde aos papéis que a pessoa desempenha com os outros e

[1] Especificamente em Portugal, no ano de 2014, as mulheres, em média, saíram de casa aos 29.8 anos e os homens aos 31.5 anos, normalmente para casar (Eurostat, 2016).

aos atributos que definem a relação (Epp & Price, 2008). Por sua vez, a identidade coletiva corresponde à pertença a um grupo específico e à forma como o indivíduo se percepciona na relação com os outros (Brewer & Gardner, 1996). Neste sentido, a identidade coletiva corresponde a uma extensão social do *self* que depende das relações interpessoais e da pertença a um grupo (Iyer, Jetten, Tsivrikos, Postmes, & Haslam, 2009).

Ao longo das últimas décadas, vários modelos explicativos da identidade têm sido estudados e propostos. Erickson foi um dos pioneiros no estudo da identidade, ao desenvolver a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial (Erickson, 1968), propondo a existência de oito estádios de desenvolvimento psicossocial associados a mudanças físicas, cognitivas e sociais e a tarefas específicas relacionadas com a definição pessoal e o relacionamento com os outros (Evans, Forney, Guido, Pertton, & Reen, 2010). Desenvolvido a partir dos trabalhos de Erikson (1968), o modelo dos estatutos identitários (Marcia, 1980) identificou dois processos centrais na formação da identidade: compromisso (adesão a um conjunto de objectivos, valores e crenças) e exploração (questionamento activo das alternativas identitárias). Com base nestas duas dimensões, Marcia (1980) definiu quatro estatutos: (1) Identidade realizada, caracterizado pelo estabelecimento de um compromisso com objetivos e ideias individualmente determinados, após um período de exploração de alternativas; (2) Identidade difusa, caracterizada pela ausência de exploração de alternativas e de compromissos; (3) Identidade fechada, descrita pela existência de compromissos e objectivos claros e firmes, sem um período de exploração prévia; (4) Identidade moratória, descrita por um processo de exploração e pela dificuldade de tomada de decisão e de estabelecimento de compromissos.

Perante a necessidade de estudar os processos subjacentes aos processos de compromisso e exploração (Côté & Levine, 1988; Grotevant, 1987), foram desenvolvidos modelos mais abrangentes e identificados processos mais específicos. O modelo integrativo do desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2008) foca os processos formativos e avaliativos da identidade, distinguindo os processos e estratégias adaptativos e não adaptativos. Luyckx e colaboradores (2008) distinguiram empiricamente cinco processos de identidade – exploração em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa, compromisso e identificação com compromisso – e agruparam os quatro processos em dois ciclos consecutivos de formação da identidade. O primeiro ciclo, denominado por *formação do compromisso*, centra-se nos processos através dos

quais os indivíduos exploram alternativas da identidade (*exploração de amplitude* ou pró-ativa) e aderem a compromissos de identidade (*compromisso*, i.e., adesão a valores, objectivos e crenças). O segundo ciclo de identidade, conceptualizado como *avaliação do compromisso*, foca os processos através dos quais os indivíduos reavaliam os seus compromissos de identidade (*exploração em profundidade*, i.e., avaliação e exploração dos compromissos actuais) e avalia o grau em que se identificam e se sentem seguros em relação aos seus compromissos (*identificação com o compromisso*, i.e., grau em que os compromissos se integram no seu sentido de *self*). O processo de identidade *exploração ruminativa* foi posteriormente adicionado ao modelo e é descrito como um bloqueador do desenvolvimento identitário ou um processo não adaptativo (Luyckx et al., 2008). Em indivíduos com níveis elevados de exploração ruminativa, a dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às suas questões identitárias leva-os a um questionamento contínuo em relação às mesmas e a sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2011).

A DIDS (Luyckx et al., 2008) foi desenvolvida com base no modelo dos estados da identidade e integra um conjunto de itens de outras escalas [e.g., Ego Identity Process Questionaire (Balistreri, Busch-Rossnage, & Geisinger, 1995), Revised Identity Style Inventory [Berzonsky, 1992]). Esta escala foi desenvolvida no sentido de colmatar as limitações psicométricas apontadas aos instrumentos existentes (e.g., nível baixo de consistência interna). Para além disso, os autores realçam a importância da construção de um instrumento que avalie a *exploração ruminativa* (Luyckx et al., 2008).

Os estudos baseados no modelo de Luyckx e colaboradores (2008) têm mostrado uma associação entre os processos de identidade e a sintomatologia psicológica. Os processos *compromisso* e *identificação com o compromisso* têm sido negativamente associados à sintomatologia depressiva (e.g., Luyckx et al., 2008), sugerindo que a importância da adesão a valores, objectivos e crenças e da integração destes no sentido de *self* no bem-estar individual e na auto-definição (Luyckx et al., 2013). No que toca aos processos de exploração, a *exploração ruminativa* tem sido associada positiva e fortemente com a sintomatologia depressiva (Luyckx et al., 2011). Os estudos que analisam o impacto da etapa de desenvolvimento nos processos de identidade têm mostrado consistentemente que, na transição para a idade adulta, os níveis de *compromisso* e de *identificação com o compromisso* aumentam e a *exploração em amplitude* diminui (Luyckx et al., 2008, 2013). Estes resultados têm sido associados ao impacto da emergência de uma estrutura de identidade mais sólida (Meeus, Iedema,

Helsen, & Vollebergh, 1999), i.e. maturação da identidade (Meeus, Van de Schoot, Keijsers, Schwartz, & Branje, 2010).

O género tem sido apontado como uma variável influente dos processos de desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2006, 2015; Meeus et al., 2010). Os resultados do estudo de Luyckx e colaboradores (2006), com uma amostra de 5834 participantes com idades compreendidas entre os 14 e os 30 anos, mostrou que as raparigas reportam níveis mais elevados de *compromisso*, *exploração em amplitude*, *exploração em profundidade* e *exploração ruminativa*, em comparação com os rapazes. Da mesma forma, outros estudos (e.g., Meeus et al., 2010) também têm sugerido que as raparigas tendem a estabelecer compromissos mais precocemente que os rapazes. Estes dados têm sido interpretados tendo em conta das diferenças desenvolvimentais, i.e., ritmos de maturação (Luyckx et al., 2006). Neste sentido, o facto de as raparigas tenderem a maturar-se mais precocemente em termos físicos e cognitivos (e.g., aumento da capacidade de autorreflexão) que os rapazes poderão contribuir para a explicação destes resultados (Luyckx et al., 2006).

Tendo em conta o interesse que o construto de identidade tem assumido nas comunidades clínica e académica, torna-se relevante a existência de uma medida robusta que o possa avaliar no contexto português. Dada a inexistência de um instrumento validado para a população portuguesa que o avalie os processos de desenvolvimento da identidade, o presente estudo pretende: (1) traduzir e adaptar a DIDS para a língua portuguesa; (2) analisar as propriedades psicométricas da DIDS através da análise da validade e da fidelidade; (3) analisar as diferenças de género. O estudo da validade de construto será realizado através da confirmação da estrutura fatorial da versão portuguesa da DIDS numa amostra alargada de adolescentes e adultos emergentes portugueses. As validades convergente e divergente da escala serão estudadas através da correlação entre os processos de desenvolvimento da identidade e medidas de depressão e sintomatologia psicológica.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 285 participantes (N = 285) com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos (M = 21.66; DP = 2.86), sendo que 60% dos participantes habita com a família nuclear intacta, 18% dos participantes coabita com o/a namorado/a ou amigos/colegas e 6.3% habita com a família alargada. A maioria da amostra é do género feminino (72.4%) e frequenta o ensino superior (72.6%). De relevar que 18.6% da amostra trabalha, 4.6% trabalha e estuda simultaneamente e 0.7% está desempregada. Relativamente à situação afetivo-relacional, 42.8% da amostra tem uma relação de namoro, 46.7% não tem relacionamento amoroso e 6.7% vive em união de facto. Em relação à zona de residência, 55.4% da amostra vive na zona da Grande Lisboa, 19.8% vive no centro, 10.9% da amostra vive na Madeira, 6% no Alentejo. No que concerne a religiosidade, a maioria dos participantes é crente praticante (42.5%), sendo que 37.2% é crente não praticante e 20.4% é não crente. Por último, a maioria dos participantes (68.4%) nunca teve acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, 26.3% já teve no passado e 3.9% tem acompanhamento atual.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. Os participantes responderam a um questionário dados pessoais e sociodemográficos que integrou questões como idade, género, nível de escolaridade, religiosidade, zona de residência, entre outras.

Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale, DIDS; versão original: K. Luyckx et al., 2008). Este instrumento de auto-relato é composto por 25 itens que avaliam o desenvolvimento da identidade, numa escala de *Likert* de cinco pontos (de 1 = "Discordo fortemente" a 5 = "Concordo fortemente"). A DIDS avalia cinco dimensões: *Exploração em profundidade*, composta por cinco itens (e.g., "Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.") que avaliam a exploração de alternativas após a adesão a compromissos; *Exploração em amplitude*, integra cinco itens (e.g., "Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.") que medem a exploração de alternativas previamente à adesão a compromissos; *Compromisso*, inclui cinco itens (e.g., "Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.") que avaliam a adesão a compromissos; *Identificação com o compromisso*, constituída por cinco itens (e.g., "Os meus planos para o futuro dão me auto-confiança.") que avaliam o grau de segurança e de identificação em relação aos

compromissos; e *Exploração ruminativa,* composta por cinco itens (e.g., "Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.") que avaliam a exploração progressiva de diversas alternativas e a não adesão a compromissos.

No estudo de validação da DIDS (Luyckx et al., 2008), com uma amostra de jovens adultos, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre α = .79 para a dimensão *Exploração em profundidade* e entre α = .86 para as dimensões *Compromisso, Identificação com o compromisso* e *Exploração ruminativa*. No mesmo estudo de validação (Luyckx et al., 2008), com uma amostra de adolescentes, as dimensões da DIDS mostraram igualmente níveis adequados de consistência interna, variando entre α = .80 para a dimensão *Exploração em profundidade* e α = .86 para as dimensões *Exploração em amplitude* (Luyckx et al., 2008).

Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory; BSI; Versão original: L. Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1999). O BSI é um instrumento de auto-relato composto por 53 itens. A tarefa do participante consistiu em qualificar a intensidade em que foi afetado, durante a última semana, por um conjunto de sintomas, utilizando, para tal, uma escala de *Likert* de cinco pontos (0 "Nunca" a 4 "Muitíssimas vezes). Este instrumento avalia nove dimensões (*Somatização, Obsessão-compulsão, Sensibilidade interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade fóbica, Ideação paranóide* e *Psicoticismo*) e três índices globais (*Índice geral de sintomas, Índice de sintomas positivos e Índice total de sintomas positivos*), que constituem avaliações sumárias de perturbação emocional (Canavarro, 1999). Neste estudo, foi apenas utilizado a dimensão *Depressão* e o *Índice geral de sintomas* representa uma pontuação combinada que pondera a intensidade do mal-estar experienciado com o número de sintomas assinalados (Canavarro, 2007).

No estudo de validação de Canavarro (1999), com uma amostra de 551 indivíduos, o BSI revelou níveis de consistência interna adequados entre α = .62 para a dimensão *Psicoticismo* e α = .79 para a dimensão *Somatização*. No presente estudo, as dimensões *Depressão* e *Ansiedade* apresentaram níveis de consistência interna adequados (α = .90, e α = .86, respetivamente) .

Procedimentos

A tradução da DIDS foi realizada, individualmente, por duas psicólogas que dominam a língua inglesa e o modelo teórico de Luyckx e colaboradores (2008). Após a tradução, e tendo em conta a equivalência lexical, conceptual e gramatical, procurou encontrar-se um consenso de modo a que os itens da versão portuguesa abarcassem o sentido dos itens da escala original. Posteriormente, uma especialista em língua inglesa realizou a retroversão dos itens. Após estes procedimentos, a escala foi aplicada a um grupo-piloto de 20 participantes composto por adolescentes e adultos emergentes, com o qual se discutiu a adequação vocabular e a compreensão dos itens. Na sequência desta discussão, foram alterados alguns itens. A escala foi também analisada por duas especialistas na área da Psicologia Clínica. A recolha de dados decorreu após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, ULHT). A amostra foi selecionada a partir de uma amostra mais alargada de 330 participantes, tendo sido estabelecidos os seguintes critérios de inclusão no presente estudo: (a) ter nacionalidade portuguesa; e (b) ter idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Uma amostra de 285 participantes cumpriu estes critérios, pelo que foi integrada no presente estudo.

A amostra foi recolhida durante três meses (de fevereiro a abril de 2016), através de uma técnica de amostragem não probabilística, denominada de "bola de neve". A amostra foi recolhida através de diferentes procedimentos: 57.19% da amostra foi recolhida presencialmente, através de procedimentos informais em grupo (e.g., contexto de sala de aula em Instituições de Ensino Superior) e individualmente (e.g., amigos, e conhecidos); e a restante foi recolhida *on-line* através da plataforma Google Docs, após a divulgação do estudo através de redes sociais e de correio eletrónico.

Na recolha da amostra presencial, as investigadoras mostraram disponibilidade para esclarecer as dúvidas relacionadas com as questões e/ou vocabulário. Na recolha *on-line*, foram disponibilizados os contactos da investigadora responsável pelo estudo, caso surgisse alguma dúvida ou questão no decorrer da participação do estudo. Após a explicitação dos objectivos do estudo, da garantia da confidencialidade e da possibilidade de desistência a qualquer momento e da assinatura do consentimento informado, os/as participantes colaboraram voluntariamente e sem remuneração.

Análise de dados

Para estudar a validade de construto foi realizada uma análise fatorial confirmatória tendo em conta a matriz de covariância e o estimador ML (Máxima Verossimilhança), com recurso ao *software* estatístico AMOS 23.0. Para analisar o ajustamento do modelo proposto e compará-lo com os modelos alternativos, utilizaram-se os seguintes indicadores: o *comparative fit índex* (CFI); a razão do qui-quadrado pelos graus de liberdade (x^2/gl) e o *root meam square error of approximation* (RMSEA). De acordo com Garson (2012), valores de CFI iguais ou superiores a .90, valores de x^2/gl menores que cinco e valores de RMSEA iguais ou inferiores a 0.06 revelam um bom ajustamento do modelo. Para além destes indicadores, o *expected cross-validation índex* (ECVI) foi utilizado para avaliar diferenças entre os modelos concorrentes testados. Garson (2012) sugere que valores mais baixos de ECVI indicam um bom ajustamento do modelo.

A análise das propriedades psicométricas da estrutura fatorial obtida (e.g., análise da consistência interna, a análise das validades convergente e divergente) e a análise de diferenças de género foram realizadas com recurso ao software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22. Para analisar a consistência interna das cinco dimensões da escala foi calculado o alfa de *Cronbach* (α) e as correlações médias interitens, $r_{m.i}$. O estudo das diferenças de género foi realizado através do teste *t*-Student para amostras independentes. Por último, para avaliar a validade convergente e divergente das dimensões da Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade (DIDS) foram calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as cinco dimensões da escala, as dimensões *Depressão, Ansiedade* e o *Índice geral de sintomas*.

Resultados

Validade de construto

A validade de construto foi analisada através da confirmação da estrutura fatorial da versão portuguesa da DIDS numa amostra alargada de adolescentes e adultos emergentes portugueses. Para testar o modelo com os cinco fatores proposto por Luyckx e colaboradores (2008), foi conduzida uma análise fatorial confirmatória. O modelo proposto, denominado de Modelo 1, constituído por cinco fatores correlacionados, foi comparado com três modelos alternativos: Modelo 2, que integra cinco fatores não correlacionados; Modelo 3, com uma estrutura unifatorial de primeira ordem; e Modelo

4, composto por cinco fatores de primeira ordem e um fator de segunda ordem. Os índices de ajustamento dos quatros modelos testados encontram-se apresentados no Quadro 1.

Quadro 1. *Índices de ajustamentos dos modelos testados.*

Modelos	χ^2 (gl)	χ^2/gl	CFI	RMSEA (IC-90%)	ECVI
Modelo 1	829.78 (265)	3.13	.83	.08	3.34
Modelo 2	1203.5 (274)	4.38	.73	.11	4.76
Modelo 3	1725.9 (275)	6.30	.57	.14	6.61
Modelo 4	1725.9 (275)	6.30	.57	.14	6.62

Nota. Modelo 1 = cinco fatores correlacionados; Modelo 2 = cinco fatores não correlacionados; Modelo 3 = estrutura unifatorial de primeira ordem; Modelo 4 = cinco fatores de primeira ordem predizendo um fator de segunda ordem.

Em comparação com os Modelos 2, 3 e 4, o Modelo 1 apresenta os melhores indicadores de ajustamento, pelo que se optou por manter o modelo proposto. No entanto, ao analisar o Modelo 1, a observação dos índices de modificação (IMs) para as saturações (Lambdas, λ) e os erros de medida (Delta, δ) indicou que seria aconselhável correlacionar os erros de medida dos seguintes itens: item 2 (“Tenho planos para o que vou fazer no futuro”) e item 5 (“Fiz uma escolha sobre o que vou fazer com a minha vida”); item 7 (“Penso nas diferentes coisas que poderei vir a fazer no futuro”) e item 9 (“Penso em diferentes objetivos que posso procurar alcançar”); item 9 e item 10 (“Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim”); item 16 (“Os meus planos para o futuro coincidem com os meus verdadeiros interesses e valores”) e item 17 (”Os meus planos para o futuro dão-me autoconfiança”); item 18 (“Graças aos meus planos para o

futuro, sinto-me seguro/a acerca de mim próprio/a") e item 19 ("Sinto que a direção que quero tomar na minha vida será mesmo adequada a mim"); e item 21 ("Penso nos planos para o futuro que já fiz") e o item 23 ("Penso se os planos que tenho para a minha vida são realmente adequados para mim"). Procedendo desta forma, a estrutura fatorial resultante permitiu obter melhores indicadores de ajustamento aos dados para o modelo proposto: χ^2 (259) = 660.79, $p < .05$, $\chi^2/gl = 2.55$, CFI = .88, RMSEA = .07 e ECVI = 2.97. Na Figura 1 é apresentada a estrutura fatorial deste modelo.

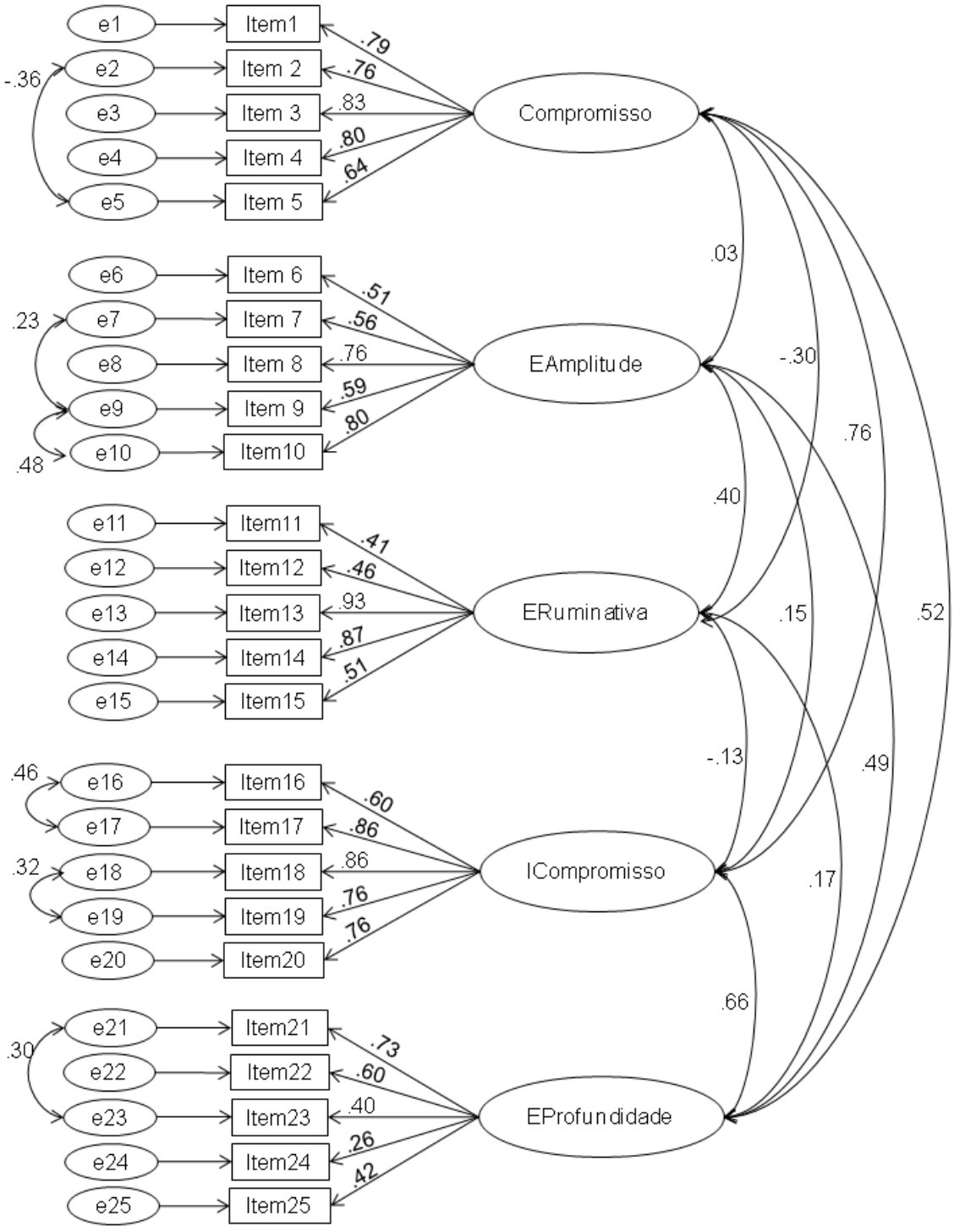

Figura 1. Estrutura fatorial do modelo com cinco fatores correlacionados e as suas saturações. Nota: Eamplitude = Exploração em amplitude; Eruminativa = Exploração ruminativa; ICompromisso = Identificação com o compromisso; Eprofundidade = Exploração em profundidade.

Fidelidade: análise da consistência interna

Os índices de consistência interna, alfa de *Cronbach* (α) e homogeneidade (correlação média interitens, $r_{m.i}$), foram calculados para cada fator, tendo sido observados os seguintes valores: *Compromisso* (α = .88, $r_{m.i}$ = .60), *Exploração em amplitude* (α = .80, $r_{m.i}$ = .46); *Exploração ruminativa* (α = .76, $r_{m.i}$ = .39), *Identificação com o Compromisso* (α = .88, $r_{m.i}$ = .59) e *Exploração em profundidade* (α = .65, $r_{m.i}$ = .29). Os resultados indicam uma consistência interna adequada para as dimensões da escala.

Validade convergente e divergente

De modo a avaliar a validade convergente e divergente da versão portuguesa da Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade (DIDS), foram calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as cinco dimensões da escala, as dimensões Depressão, Ansiedade e o *Índice geral de sintomas*, avaliados pelo Inventário de Sintomatologia Psicológica (ver Quadro 2).

Pela análise dos resultados, observa-se que as dimensões *Compromisso* e *Identificação com o Compromisso* se encontram negativamente associadas ao *Índice geral de sintomas* e às dimensões *Ansiedade* e *Depressão*. Verifica-se também que a dimensão *Exploração Ruminativa* se encontra positivamente associada ao *Índice geral de sintomas* e às dimensões *Ansiedade* e *Depressão*. Por último, observa-se uma associação positiva entre a *Exploração em Profundidade* e a dimensão *Ansiedade.*

Quadro 2. *Correlação entre as variáveis Índice Geral de Sintomas (IGS), Ansiedade, Depressão, Compromisso, Exploração em Amplitude (EAmplitude), Exploração Ruminativa (ERuminativa), Identificação com o Compromisso (ICompromisso) e Exploração em Profundidade (EProfundidade) (N = 285).*

Variável	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**
1. IGS	-							
2. Ansiedade	.91**	-						
3. Depressão	.90**	.77**	-					
4. Compromisso	-.24**	-.15*	-.30**	-				
5. EAmplitude	-.00	.03	-.04	.10	-			
6. ERuminativa	.37**	.29**	.40**	-.41**	.31**	-		
7. ICompromisso	-.22**	-.14*	-.27**	.71**	.18**	-.27**	-	
8. EProfundidade	.11	.16**	.05	.24**	.40**	.19**	.36**	-

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Estudo das diferenças de género

No Quadro 3 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às cinco dimensões da escala para os géneros feminino e masculino e para o total da amostra. No estudo das diferenças de género foram comparadas as médias da pontuação de cada dimensão, em função do género, através do teste *t*-Student para amostras independentes. Os resultados demonstram que existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões *Compromisso* e *Exploração ruminativa* entre géneros. O género feminino apresenta níveis de *Compromisso* mais elevados que o género masculino, $t(275) = -2.51$; $p < .05$; o género masculino apresenta níveis de *Exploração ruminativa* mais elevados que o género feminino, $t(275) = 2.56$; $p < .05$.

Quadro 3. *Médias e desvios-padrão das dimensões da escala por géneros e com a amostra total.*

	Feminino (n = 206)		Masculino (n = 71)		Total (n = 285)		*t*	*p*
Dimensões	*M*	*DP*	*M*	*DP*	*M*	*DP*		
Compromisso	3.96	.68	3.72	.72	3.90	.70	-2.51	.01
Eamplitude	3.92	.65	3.91	.57	3.91	.63	-.19	.85
ICompromisso	3.75	.72	3.70	.72	3.75	.72	-.59	.56
Eprofundidade	3.61	.61	3.57	.62	3.60	.61	-.48	.63
Eruminativa	3.05	.79	3.34	.84	3.14	.81	2.56	.01

Discussão

A Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade é um instrumento de autorrelato que avalia os processos de desenvolvimento da identidade. Este trabalho pretendeu traduzir e adaptar para a língua portuguesa a DIDS e estudar as qualidades psicométricas do instrumento. Mais especificamente, foi analisada a validade de construto, a validade convergente e divergente, assim como a fidelidade da medida, numa amostra alargada de adolescentes e adultos emergentes portugueses. Para além disso, foram analisadas as diferenças de género dos processos de desenvolvimento da identidade. Este estudo tem como finalidade contribuir para o enriquecimento da literatura na área da identidade na adolescência e na transição para a idade adulta em Portugal, através de uma compreensão mais alargada dos processos de desenvolvimento da identidade. Para além disso, procurou colmatar algumas das lacunas encontradas na literatura (e.g., inexistência de instrumentos validados que avaliem os processos identitários).

Em relação à análise da validade de construto, a análise fatorial confirmatória da medida mostrou a adequação da estrutura fatorial, composta por cinco factores correlacionados, proposta por Luyckx e colaboradores (2008), com índices de ajustamento adequados (Garson, 2012). A versão portuguesa da DIDS mostrou possuir

bons valores de consistência interna (entre .88 e .76), excepto para a dimensão *Exploração em profundidade* que apresentou um valor de alfa mais baixo. A estrutura pentafatorial da DIDS foi replicada, assegurando evidências satisfatórias de validade fatorial e consistência interna.

Quanto à validade convergente e divergente, as associações significativas encontradas variam entre uma magnitude baixa a moderada. Os resultados mostram que os processos *Compromisso*, *Identificação com o compromisso*, *Exploração ruminativa* e *Exploração em profundidade* estão associados à sintomatologia psicológica, corroborando estudos anteriores que mostram uma correlação entre os processos de identidade e a sintomatologia psicológica (e.g., Luyckx et al., 2008, 2011). Tal como Luyckx e colaboradores (2013) sugerem, as associações encontradas entre os processos *Compromisso, Exploração ruminativa* e *Identificação com o compromisso* e a sintomatologia depressiva realçam a relação entre a adesão a valores, objectivos e crenças e a integração destes no sentido de *self* e o bem-estar individual. Estes resultados poderão apontar para que, nestas etapas desenvolvimentais, as trajetórias adaptativas de desenvolvimento da identidade se caracterizem por níveis mais elevados de compromisso e de identificação com o compromisso e níveis menos elevados de exploração ruminativa. Neste sentido, e tendo em conta a relação de reciprocidade que as variáveis apresentam, a presença de sintomatologia ansiosa, depressiva ou de outra natureza poderão condicionar os processos de formação e de avaliação de compromisso. Considerando os sintomas associados aos quadros depressivos (e.g., tristeza, baixo autoestima, alterações somáticas e cognitivas que afetam de forma significativa a capacidade de funcionamento da pessoa) e ansiosos (e.g., comportamentos de evitamento por antecipação de uma ameaça), é expectável que a presença sintomatologia ansiosa e depressiva comprometa a capacidade de exploração e de tomada de decisão (Santos, Ferreira, & Gonçalves, 2014), impactando, negativamente, nos processos de desenvolvimento da identidade.

Por outro lado, alguns autores da área (e.g., Arnett, 2005) têm associado o período de desenvolvimento entre a adolescência e a idade adulta ao aumento da instabilidade e dos comportamentos de risco. A instabilidade associada à exploração incessante de vários objectivos, valores e crenças, a incapacidade de se comprometer com algum/a, enquanto uma inaptidão para realizar as tarefas desenvolvimentais associadas à adolescência e à transição para a idade adulta, pode contribuir para o aparecimento de sintomatologia psicológica. Vários trabalhos (e.g., Waterman & Archer, 1990) têm suportado esta ideia, apontando, de forma consistente, para que a permanência no estado moratório

comprometa a capacidade de formar compromissos e contribua para o surgimento de sintomas como a desesperança.

O presente estudo aponta para que a dimensão *Exploração em Profundidade* e a dimensão *Ansiedade* se associem positivamente, sendo que este resultado não é apoiado pelos estudos anteriores (Luyckx et al., 2008, 2011). Tendo em conta a conceptualização desenvolvida por Luyckx e colaboradores (2008), a *Exploração em Profundidade* remete para a recolha de informações sobre os objectivos e planos pessoais e a exposição dessa informação a outros significativos. Colocamos como hipótese explicativa o facto de os processos de exploração activa, de reflexão e de partilha com outros poderem despoletar alguma sintomatologia ansiosa por exposição e/ou aceitação social.

Relevamos também o facto de não ter sido encontrada uma associação significativa entre o processo *Exploração em amplitude* e a sintomatologia psicológica, o que poderá ser explicada atendendo à distribuição etária da amostra deste estudo. Luycky e colabores (2013) têm apontado a idade enquanto uma variável moderadora na relação entre a *Exploração em amplitude* e a sintomatologia psicológica e sugerido que os níveis elevados de exploração em amplitude se tornam menos adaptativos e funcionais à medida que a idade aumenta.

Em relação às diferenças de género, os resultados apontam para que o género feminino apresente níveis superiores de *Compromisso*, o que corrobora parcialmente os resultados do estudo de Luyckx e colaboradores (2006). Tal como Meeus e colaboradores (2010) propõem, a maturação no género feminino tende a ser mais prematura, o que se reflecte no desenvolvimento mais precoce da identidade e da capacidade de autorreflexão. Neste sentido, hipotetizamos que, no género feminino, a aquisição mais precoce do pensamento formal e a capacidade de se perspetivarem de forma mais abstrata se possa também refletir numa assunção mais clara de compromissos. Por outro lado, estes resultados poderão ser explicados atendendo a pressões sociais e desenvolvimentais diferentes, em função do género. As raparigas poderão tender a ser mais pressionadas para assumir compromissos e estabelecer metas e objectivos pessoais mais precocemente, sendo-lhes concedido um tempo mais reduzido para explorar várias alternativas de vida.

Os resultados apontam para que o género masculino apresente níveis superiores de *Exploração ruminativa*. Este resultado não vai de encontro ao trabalho de Luyckx e colaboradores (2006), pelo que merece ser integrada como uma questão de investigação nos estudos futuros.

A Escala de Dimensões do Desenvolvimento da Identidade pode constituir-se um instrumento de avaliação das dimensões do desenvolvimento da identidade, permitindo caracterizar e diferenciar pessoas e grupos em contextos clínicos e de investigação. Considerando que este estudo é um contributo inicial para o processo de validação da versão portuguesa da DIDS, apresenta limitações que restringem a sua validade: a amostra foi selecionada através de uma técnica de amostragem não probabilística, denominada de "bola de neve" e, pelo facto de não ser representativa, os resultados têm um carácter marcadamente exploratório. Para além disso, a amostra é maioritariamente constituída por estudantes universitários do género feminino, o que constrange a validade deste trabalho. Outras limitações prendem-se com o facto de não terem sido estudadas a estabilidade temporal do instrumento (teste-reteste).

Os estudos futuros com o Escala de Dimensões do Desenvolvimento da Identidade deverão ser desenvolvidos de forma a superar estas limitações. Será necessário também replicar este estudo com amostras mais equitativas em termos da distribuição por género e idade. Tendo em conta as diferenças entre géneros encontradas e as hipóteses explicativas propostas, seria interessante desenvolver um estudo focado no impacto dos ritmos de maturação nos processos desenvolvimento da identidade na adolescência. Apesar das limitações apontadas, os resultados do presente estudo sugerem que a Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade é um instrumento com características psicométricas adequadas, que pode ser utilizado tanto por clínicos como por investigadores, em amostras de adolescentes e adultos emergentes.

Referências

Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist,* 55, *469-480.*

Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues, 22,* 235–254.

Balistreri, E., Busch-Rossnagel, N. A., & Geisinger, K. F. (1995). Development and preliminary validation of the Ego Identity Process Questionnaire. *Journal of Adolescence, 18,* 179-192.

Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, M. P. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica, 3,* 301-313.

Berzonsky, M. D. (1992). Identity style and coping strategies. *Journal of Personality,* 60, 771-788.

Brewer, M. B., & Gardner, W. (1996). Who is this "we"? Level of collective identity and self representations. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*(1), 83-93.

Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.

Chen, S., Boucher, H. C., & Tapias, M. P. (2006). The relational self revealed: Integrative conceptualization of the implications and interpersonal life. *Psychological Bulletin, 132*(2), 151–179.

Côté, J. E., & Levine, C. (1988). A critical examination of the ego identity status paradigm. *Developmental Review, 8,* 147–184. doi:10.1016/0273-2297(88)90002-0.

Epp, A. M., & Price, L. L. (2008). Family identity: A framework of identity interplay in consumption practices. *Journal of Consumer Research, 35*(1), 50-57.

Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.

Eurostat (2016). Retirado de http://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-datasets/-/DEMO_NIND, a 1 de Outubro de 2016.

Evans, N. J., Forney, D. S., Guido, F. M., Patton, L. D., & Renn, K. A. (2010). *Student development in college* (2ª Ed.). San Francisco: John Wiley, Sons, Inc.

Garson, G. D. (2012). *Structural Equation Modeling.* Asheboro, NC: Statistical.

Grotevant, H. D. (1987). Toward a process model of identity formation. *Journal of Adolescent Research, 2*, 203–222.

Iyer, A., Jetten, J., Tsivrikos, D., Postmes, T., & Haslam, S. (2009). The more (and the more compatible) the merrier: Multiple group memberships and identity compatibility as predictors of adjustment after life transitions. *British Journal of Social Psychology, 48*(4), 707-733. doi:10.1348/014466608X397628

Kroger, J. (2002). Introduction: Identity development through adulthood. *Identity: an International Journal of Theory and Research, 2*, 1-5. doi:10.1207/S1532706XID0201_01

Luyckx, K., Goossens, L., Soenens, B., & Beyers, W. (2006). Unpacking commitment and exploration: Preliminary validation of an integrative model of late adolescent identity formation. *Journal of Adolescence, 29*, 361-378.

Luyckx, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of Research in Personality, 42*, 58-82.

Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 77–98). NewYork: Springer.

Luyckx, K., Klimstra, T., Duriez, B., Petegem, S., & Beyers, W. (2013). Personal Identity Processes from Adolescence Through the Late 20s: Age Trends, Functionality, and Depressive Symptoms. *Social Development, 22*, 707-721. doi:10.1111/sode.12027.

Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology, 3*, 551-558.

Meeus, W., Iedema, J., Helsen, M., & Vollebergh, W. (1999). Patterns of adolescent identity development: Review of literature and longitudinal analysis. *Developmental Review, 19*, 419-461.

Meeus, W., van de Schoot, R., Keijsers, L., Schwartz, S. J., & Branje, S. (2010). On the progression and stability of adolescent identity formation: A five-wave longitudinal study in early-to-middle and middle-to-late adolescence. *Child Development, 81*, 1565–1581.

Meeus, W. (2011). The study of adolescent identity formation 2000–2010: A review of longitudinal research. *Journal of Research on Adolescence, 21,* 75–94

Santos, P.J., Ferreira, J.A. & Gonçalves, C.M. (2014). Indecisiveness and career indecision: A test of a theoretical model. *Journal of Vocational Behavior, 85,* 106-114. doi:10.1016/j.jvb.2014.05.004.

Schwartz, S. H, & Rubel-Lifschitz T. (2009). Cross-National Variation in the Size of Sex Differences in Values: Effects of Gender Equality. *Journal of Personality and Social Psychology, 97*(1), 171-185.

Sedikides, C., & Brewer, M. B. (2001). *Individual self, relational self, collective self.* Psychology Press.

Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 1-27). NewYork: Springer.

Waterman, A. S., & Archer, S. L. (1990). A life-span perspective on identity formation: Development in form, function, and process. In P. B. Baltes, D. L. Featherman, & R.M. Lerner (Eds.), *Life-span development and behavior* (vol. 10, pp. 30-57). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Anexos

Anexo 1:

Assentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O/A seu/sua educando/a é convidado/a participar voluntariamente num estudo desenvolvido pela Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e coordenado pela Professora Doutora Ana Prioste. Para que possa decidir se deseja ou não que o seu educando participe neste estudo, deve compreender quais os seus objetivos, potenciais riscos e benefícios, para que possa tomar uma decisão consciente. Todas estas informações estão presentes neste formulário designado por termo de consentimento informado. Leia atentamente este formulário e coloque à equipa do estudo todas as perguntas que considere necessárias. A equipa de investigação deste estudo irá esclarecer qualquer dúvida que tenha sobre este estudo, bem como quaisquer outras informações que julgue necessárias. Depois de compreender a finalidade deste estudo e se desejar participar, ser-lhe-á solicitado que assine este termo.

Contextualização e finalidade do estudo

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que consiste num grupo de pessoas independentes, que avaliam o protocolo do estudo verificando e a existência de riscos para os participantes.
Este estudo tem como finalidade descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade em adolescentes e em jovens adultos.

Se aceitar, o que é pedido ao meu educando/à minha educanda?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

Possíveis riscos ou inconvenientes da participação do meu educando/da minha educanda?

Não antecipamos riscos na participação do seu educando/da sua educanda.

Qual a vantagem de participar?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

Participação/ Abandono voluntário

A participação do seu educando/da sua educanda é voluntária, podendo recusarem-se a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem qualquer tipo de penalização por este facto.

Quem tem acesso aos dados?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não
individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

Condições financeiras inerentes ao estudo

Não será remunerado pela participação neste estudo. Não haverá portanto qualquer custo para o participante pela sua participação neste estudo.

Se precisar de mais informações, com quem devo contactar?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaração de Consentimento Informado

Fui informado de que a participação do meu educando/da minha educanda neste estudo é voluntária e que por isso podemos recusar-nos a participar, ou que podemos retirar-nos deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objectivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

_____	_____/____ /____
Nome do participante	Data
_____	_____/____ /____
Nome da pessoa que obteve o consentimento	Data

Declaração de Assentimento

Fui informado de que a minha participação neste estudo é voluntária e que por isso posso recusar-me a participar, ou que posso retirar-me deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objectivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

_____ _____/____ /____

Nome do participante Data Assinatura

Ana Sofia Lucas Do Lugar, Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade

Anexo 2:

Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias está a desenvolver um estudo sobre o desenvolvimento da identidade em adolescentes e jovens adultos. O estudo está sob a coordenação da Professora Doutora Ana

Prioste.

Se tem entre 18 e 25 anos e pretender colaborar connosco, por favor, leia atentamente as informações abaixo:

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DO ESTUDO?

É um projecto de investigação que pretende descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade.

SE ACEITAR PARTICIPAR, O QUE ME É PEDIDO?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

QUAL A VANTAGEM DE PARTICIPAR?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

SOU OBRIGADO A PARTICIPAR?

A sua participação é voluntária. O preenchimento dos questionários poderá ser interrompido a qualquer momento.

QUEM TEM ACESSO AOS DADOS?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

SE PRECISAR DE MAIS INFORMAÇÕES, COM QUEM DEVO CONTACTAR?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e da participação que me é solicitada, **participando voluntariamente**. Concordo ainda que os dados sejam **trabalhados anónima e coletivamente** pelos investigadores responsáveis, no âmbito dos objectivos a que este estudo se dirige.

Rubrica: _____ Data: _____

Ana Sofia Lucas Do Lugar, Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade

Anexo 3:

Questionário de Investigação

DADOS PESSOAIS Responda às próximas questões com os seus dados pessoais, por favor.

1. **Género** ○ Masculino ○ Feminino ○ Outro

2. **Nacionalidade** *(indique a sua nacionalidade)* _____

3. **Idade** _____ anos

4. **Profissão** *(indique a actividade que exerce)*
_____

5. **Situação relacional**

○ Casamento ○ Separação
○ Divórcio ○ União de Facto / Coabitação
○ Viuvez ○ Namoro
○ Não tem relação/Não se aplica

6. Nível de escolaridade

○ 0-4 anos de escolaridade ○ 4-6 anos de escolaridade
○ 6-9 anos de escolaridade ○ 10-12 anos de escolaridade
○ Frequência universitária ○ Ensino Superior

Se respondeu "Frequência universitária, diga, por favor, qual o curso que frequenta.

_____

7. Zona de Residência Habitual

○ Norte ○ Algarve ○ Centro
○ Alentejo ○ Grande Lisboa ○ Açores
○ Madeira

8. Religiosidade

○ Crente praticante ○ Crente não praticante ○ Não crente

9. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico

○ Nunca teve
○ Teve no passado
○ Tem actualmente

10. Com quem viveu durante a infância?

_____

11. Com quem vive actualmente? _____

Escala do Desenvolvimento Identitário

Em seguida encontram-se um conjunto de afirmações. Diga em que grau concorda com cada afirmação, utilizando a escala abaixo indicada. Por exemplo, se concorda fortemente com uma afirmação, assinale o número 5; se discordar fortemente com uma afirmação, assinale o número 1. Não há uma resposta correta. Não perca muito tempo com uma afirmação e responda a todos os itens.

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	**Discordo**	**Não concordo nem discordo**	**Concordo**	**Concordo fortemente**

1. Decidi o caminho que vou seguir na minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2. Tenho planos para o que vou fazer no futuro.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3. Sei qual o caminho que vou seguir na minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4. Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5. Fiz uma escolha sobre o que vou fazer com a minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6. Penso activamente sobre os diferentes caminhos que posso seguir na minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
7. Penso nas diferentes coisas que poderei vir a fazer no futuro.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
8. Estou a ponderar sobre diferentes estilos de vida podem ser adequados para mim.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
9. Penso em diferentes objectivos que posso procurar alcançar.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
10. Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
11. Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
12. Preocupo-me com o que quero fazer com o meu futuro.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
13. Estou continuamente à procura da direcção que quero tomar na minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
14. Estou continuamente a pensar que direção a minha vida tem de tomar.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
15. É difícil para mim parar de pensar na direcção que quero seguir na minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
16. Os meus planos para o futuro coincidem com os meus verdadeiros interesses e valores.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
17. Os meus planos para o futuro dão-me auto-confiança.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
18. Graças aos meus planos para o futuro, sinto-me seguro/a acerca de mim próprio/a.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
19. Sinto que a direção que quero tomar na minha vida será mesmo adequada a mim.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
20. Estou seguro/a de que os meus planos para o futuro são os certos para mim.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
21. Penso nos planos para o futuro que já fiz.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
22. Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
23. Penso se os planos que tenho para a minha vida são realmente adequados para mim.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
24. Procuro saber o que as outras pessoas pensam sobre a direção específica que decidi tomar na minha vida.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
25. Penso se os meus planos para o futuro coincidem com o que realmente quero.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

BSI

L.R. Derogatis, 1993 *(Versão Portuguesa: M.C. Canavarro, 1995)*

A seguir, encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que, por vezes, as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma, marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	**Nunca**	**Poucas vezes**	**Algumas vezes**	**Muitas vezes**	**Muitíssimas vezes**
1. Nervosismo ou tensão interior.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desmaios ou tonturas.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Dores sobre o coração ou no peito.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Medo na rua ou praças públicas.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Pensamentos de acabar com a vida.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Perder o apetite.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Ter um medo súbito sem razão para isso.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Ter impulsos que não se podem controlar.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.	☐	☐	☐	☐	☐
16. Sentir-se sozinho.	☐	☐	☐	☐	☐
17. Sentir-se triste.	☐	☐	☐	☐	☐
18. Não ter interesse por nada.	☐	☐	☐	☐	☐

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
19. Sentir-se atemorizado.	☐	☐	☐	☐	☐
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos.	☐	☐	☐	☐	☐
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si	☐	☐	☐	☐	☐
22. Sentir-se inferior aos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
23. Vontade de vomitar ou mal-estar do estômago.	☐	☐	☐	☐	☐
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si.	☐	☐	☐	☐	☐
25. Dificuldade em adormecer.	☐	☐	☐	☐	☐
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz.	☐	☐	☐	☐	☐
27. Dificuldade em tomar decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro.	☐	☐	☐	☐	☐
29. Sensação de que lhe falta o ar.	☐	☐	☐	☐	☐
30. Calafrios ou afrontamentos.	☐	☐	☐	☐	☐
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo.	☐	☐	☐	☐	☐
32. Sensação de vazio na cabeça.	☐	☐	☐	☐	☐
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo.	☐	☐	☐	☐	☐
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados.	☐	☐	☐	☐	☐
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro.	☐	☐	☐	☐	☐
36. Ter dificuldade em se concentrar.	☐	☐	☐	☐	☐
37. Falta de forças em partes do corpo.	☐	☐	☐	☐	☐
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.	☐	☐	☐	☐	☐
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer.	☐	☐	☐	☐	☐

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	**Nunca**	**Poucas vezes**	**Algumas vezes**	**Muitas vezes**	**Muitíssimas vezes**
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.	☐	☐	☐	☐	☐
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas.	☐	☐	☐	☐	☐
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias.	☐	☐	☐	☐	☐
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa.	☐	☐	☐	☐	☐
45. Ter ataques de terror ou pânico.	☐	☐	☐	☐	☐
46. Entrar facilmente em discussão.	☐	☐	☐	☐	☐
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho.	☐	☐	☐	☐	☐
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades.	☐	☐	☐	☐	☐
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.	☐	☐	☐	☐	☐
50. Sentir que não tem valor.	☐	☐	☐	☐	☐
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si.	☐	☐	☐	☐	☐
52. Ter sentimentos de culpa.	☐	☐	☐	☐	☐
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça.	☐	☐	☐	☐	☐